

DIFERENTES OBJETOS SIMBÓLICOS EM ANÁLISE

O tema da *Seção Dossiê* deste número de *Línguas e Instrumentos Linguísticos* é a *análise discursiva de diferentes objetos simbólicos*, que tem como propósito apresentar trabalhos voltados para a compreensão do funcionamento de novas formas de existência histórica de discursividades, o que consiste em observar “as condições de existência dos objetos em uma conjuntura histórica e lembrar que os objetos a saber se constroem em processos discursivos” (ORLANDI, 2012, p 49)¹, e assim produzem efeitos de sentido.

Considerando as especificidades de cada objeto simbólico, constituído de diferentes formas materiais dada sua natureza significante, e em face de sua constituição política, social, histórica e ideológica, na relação com a exterioridade, é que os autores, à medida em que se deparam com a materialidade discursiva, tomada enquanto nível de existência sócio-histórica, analisam o *parkour*, o desenho, a fotografia, o cinema, a palavra, imagens e sons, o enunciado-linguístico e o enunciado-fotograma, a voz, dando relevo ao modo como os objetos simbólicos produzem determinados efeitos de sentido, em certas condições de produção.

Em *Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito*, Eni Pucinelli Orlandi propõe uma análise do *parkour*, enquanto escrita de si em face da noção de narratividade, na relação com o sujeito e a cidade, compreendendo-o como forma material em que o sujeito significa com seu corpo. O que a autora explicita é a maneira pela qual se dá a textualização urbana constituída de corpo, espaço, sujeito, movimentos e sentidos, observando como o corpo se inscreve enquanto materialidade específica de significação do sujeito em sua relação com o espaço e o movimento: escrita de si, a cidade e seu traçado, formas de o sujeito (se)significar e (se)resignificar no espaço.

Ao considerar que a imagem, enquanto discurso, materialmente se constitui na relação com a sua exterioridade, com a memória discursiva, em determinadas condições de produção, Cristiane Dias analisa um desenho da cidade, explicitando de que maneira se textualizam a hierarquia social e a política das relações de poder, no desenho. Assim, a autora, em *O traço das relações sociais no desenho da cidade*, a partir do funcionamento de traços, cores, contornos, formas e linhas aliado à historicidade do objeto simbólico, dá visibilidade a um processo de significação inscrito no desenho, cuja discursividade produzida é a da violência instalada no percurso da cidade em contradição com a segurança e seus sentidos.

Greciely Cristina da Costa, em *Uma imagem e suas discursividades: memória, sujeito e interpretação*, partindo do pressuposto de que a memória discursiva incide sobre a formulação, propõe compreender de que modo a memória é convocada na relação entre a imagem e suas discursividades. Para isso, a autora analisa um gesto de interpretação produzido, em uma oficina de fotografia dirigida a crianças moradoras do Núcleo Residencial Eldorado dos Carajás, periferia de Campinas, que se constitui à medida em que algumas fotos são apresentadas e comentadas pelos participantes. A partir da análise, a autora explicita o funcionamento de um processo discursivo movido por um dizer sobre a foto que põe em cena o sujeito que atribui um sentido à imagem ao mesmo tempo em que se inscreve em uma formação discursiva, ocupando uma posição.

Em o *Filme O cheiro do ralo: discurso, memória, sujeito*, Eliana de Almeida, com base na leitura de Badiou sobre os falsos movimentos do cinema no contraponto com a Análise de Discurso, percorre a relação cinema/sujeito/memória em *O Cheiro do Ralo*, filme de Heitor Dhalia. A autora propõe pensar o cinema enquanto espaço de contradição e tensões, no qual a heterogeneidade, a incompletude e a atualização da memória são parte constitutiva, acentuando que o cinema projeta na tela o retorno de sentidos esquecidos, já-dados, de imagens já-vistas, que se atualizam na passagem, na exibição.

Em busca de compreender o funcionamento discursivo da contradição em torno do jogo metafórico entre ‘Baixada Fluminense’, ‘chacina’, ‘polícia’ e ‘violência’, em *Atos dos Homens*,

documentário/filme, de Kiko Goiffmann, Suzy Lagazzi enfatiza a paráfrase como modo de atualização do efeito metafórico. A partir da análise do jogo entre palavras, imagens e sons, em “*Um lugar à margem, quase invisível*”, a autora explicita como, em se tratando da Baixada Fluminense, um movimento de visibilidade e invisibilidade, ora elide os sujeitos e o espaço, ora permite que eles venham à tona pela força do imaginário circunscrito pelo “produzir e sofrer violência”.

A partir de um diálogo teórico entre a Semântica do Acontecimento e a Análise de Discurso, Eduardo Alves Rodrigues propõe uma análise do curta-metragem *A janela aberta*, de Barcinski, visando observar o funcionamento tanto de enunciados linguísticos quanto de enunciados-fotogramas em face de sua textualidade. Assim, em *Articulação e reescrituração na enunciação da imagem: uma análise semântica em A janela aberta*, com base nos procedimentos de articulação e de reescrituração em torno da montagem do curta, o autor explicita os efeitos produzidos em relação ao percurso do sujeito-protagonista, marcado por uma vivência de solidão, angústia e alienação, resultado de um processo de repetição, que o leva-e-o-traz ao *mesmo-um* sentido.

Pedro de Souza, em *Sobre o discurso e o sujeito na voz*, reflete sobre a relação indissociável entre a voz e o discurso, mostrando quais são as consequências dessa relação para a existência de sujeitos e sentidos, para o processo de subjetivação. Neste estudo, o autor apresenta como a voz torna-se objeto simbólico à medida em que é tomada em um dispositivo que explicita o trabalho de subjetivação que se opera nela. O autor mostra, então, como a voz configura-se em uma dimensão ideológica do sentido e da subjetividade.

Este número tematiza, podemos dizer de outra maneira, o modo como objetos simbólicos produzem efeitos de sentido ao passo em que estão investidos em processos discursivos que dão vazão à arte do deslocamento do corpo no espaço; ao desenho que figura como arte da contradição nas relações sociais; à arte da fotografia diante do trabalho da memória discursiva; à arte do cinema tensionada entre o já-visto, o já-esquecido e o discurso que atualiza certos sentidos; ao movimento de visibilidade e invisibilidade que joga com a força do imaginário e a contradição pela arte da palavra, da imagem e do som; à arte do

desdobramento da película em fotogramas, entre o mesmo e o diferente; à dimensão subjetiva e subjetivante da voz.

Greciely Cristina da Costa

Notas

¹ Em *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.